



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA INGLESA**

MIRELLA KATIUZE ANDRÉ LOPES PONCHET

**AS NOVAS TECNOLOGIAS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM
LÍNGUA INGLESA: AS CONTRIBUIÇÕES DO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE
BOLSAS DE INICIAÇÃO A DOCÊNCIA (PIBID).**

Cajazeiras – PB

2017

MIRELLA KATIUZE ANDRÉ LOPES PONCHET

**AS NOVAS TECNOLOGIAS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM
LÍNGUA INGLESA: AS CONTRIBUIÇÕES DO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE
BOLSAS DE INICIAÇÃO A DOCÊNCIA (PIBID).**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras – Língua Inglesa, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus de Cajazeiras*, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Inglesa.

Orientador: Prof. Mestre Fabiane Gomes da Silva

Área de Concentração: Formação Docente.

Cajazeiras – PB

2017

P795n

Ponchet, Mirella Katiuze André Lopes.

As novas tecnologias no processo de ensino e aprendizagem em língua inglesa: as contribuições do programa institucional de bolsas de iniciação a docência(PIBID). /Mirella Katiuze André Lopes Ponchet . - Cajazeiras, 2017.

49f. : il. Color.

Bibliografia.

Orientador: Prof. Me. Fabiane Gomes da Silva.

Monografia (Licenciatura em Letras-Língua Inglesa) UFCG/CFP,2017.

1. Língua Inglesa- estudo e ensino. 2. Inglês- ensino e aprendizagem. 3. Língua Inglesa- formação docente. 4. Aulas de Língua Inglesa - recursos tecnológicos. 5. Recursos tecnológicos. 6. PIBID- Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência. 7. Formação docente. I. Silva, Fabiane Gomes da. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

BS/CFP/UFCG

CDU – 811.111

Ficha catalográfica elaborada na fonte pela Bibliotecária-Documentalista Denize Santos Saraiva Lourenço - CRB15/046

FOLHA DE APROVAÇÃO

Banca Examinadora

Monografia aprovada em ___ / ___ / 2017

Fabione Gomes da Silva

Prof. Me. Fabione Gomes da Silva

(Orientador)

Elinaldo Mendes Braga

Prof. Me. Elinaldo Mendes Braga

(Examinador interno- UFCG)

Francisco Francimar de S. Alves

Prof. Dr. Francisco Francimar de Sousa Alves

(Examinador interno – UFCG)

À Deus por não me desamparar nos momentos de desespero.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pela infinita misericórdia ter me dado forças para chegar até aqui;

À minha família, pelo apoio, por me incentivar quando achei que não seria possível;

Ao meu marido Juracy Ponchet e minha filha Verlanne Ponchet, que seguraram minha mão e me deram o apoio necessário com paciência para que concluísse este trabalho;

Ao meu amigo Israel Souza (TOMÉ), por me incentivar, não me deixar desistir e estar presente nos meus medos e inseguranças me empurrando sempre pra frente;

Ao meu orientador Fabione Gomes da Silva, que aceitou meu convite mesmo estando coberto de atividades, me orientou com paciência e pela contribuição para a minha formação profissional no decorrer do curso.

Ao PIBID por me proporcionar experiências que contribuíram significativamente para minha formação profissional e acadêmica. A supervisora do Subprojeto, e amiga Daniele Ribeiro Mamede por reafirmar em mim o desejo da docência;

À minha banca examinadora por aceitarem meu convite e de forma positiva acrescentar o meu trabalho;

À todos os professores que participaram da minha trajetória acadêmica contribuindo para minha formação, o meu muito obrigado.

“Pra quem tem o pensamento forte o impossível é só questão de opinião, e disso os loucos sabem...”.

Charlie Brown Jr

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1.TECNOLOGIAS: UM PANORAMA HISTÓRICO.....	12
1.1 AS TECNOLOGIAS NO CONTEXTO DAS ESCOLAS PÚBLICAS DO BRASIL: AVANÇOS E PERSPECTIVAS PARA O SÉCULO XXI.....	14
2. O PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA – PIBID: HISTÓRICO E ATUAÇÃO NO ENSINO BÁSICO NO BRASIL.....	21
2.2 PIBID -LÍNGUA INGLESA- CFP- UFCG.....	25
3. O USO DAS TECNOLOGIAS NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA: CONTRIBUIÇÕES DO PIBID.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	44
WEB-REFERÊNCIAS.....	48
ANEXOS.....	49

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal abordar o uso dos recursos tecnológicos como reflexão metodológica para o ensino e aprendizagem nas aulas de Língua Inglesa mediante as contribuições do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID) para a formação acadêmica e profissional do professor, aqui especificamente através do Subprojeto desenvolvido junto ao Curso de Licenciatura Plena em Letras- Língua Inglesa do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus de Cajazeiras- PB. A pesquisa realizou-se com base nas considerações de alguns autores, ao qual se destacam Kenski (2007), Valente (1997), Cox (2008), Vygotsky (1998), Novóia (1995) entre outros, que nos embasaram na proposta de delimitar esse tema para nossa pesquisa através das experiências vivenciadas enquanto bolsistas do referido projeto que nos proporcionou vivenciar a realidade da sala de aula, levando nossas contribuições enquanto formandos, na tentativa de melhorar e situar nossas experiências acadêmicas ao mesmo tempo em que contribuíamos com a melhoria do ensino básico da escola pública.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologia, Formação Docente, Pibid

ABSTRACT

The present paper has a main objective to address the use of technological resources as a methodological reflection for teaching and learning in English Language classes through the contributions of the Institutional Program of Initiatives for Teaching (PIBID) for the academic and professional formation of the teacher, Here specifically through the Subproject developed in conjunction with the English Language and Literature Course of the Teacher Training Center (CFP) of the Federal University of Campina Grande (UFCG), Campus of Cajazeiras-PB. The research was carried out based on the considerations of some authors, such as Kenski (2007), Valente (1997), Cox (2008), Vygotsky (1998) and Novóia (1995) among others. To delimitate this theme for our research through the experiences lived as scholarship holders of the said project that allowed us to experience the reality of the classroom, taking our contributions as trainees, in an attempt to improve and situate our academic experiences while contributing to the improvement of public school basic education.

KEYWORDS: Technology, Teaching Training, Pibid

LISTA DE ABREVIATURAS

TICs - Tecnologias de Informação e Comunicação

ENIAC- Eletrical numerical integrator and calculator

UFRJ- Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UNICAMP- Universidade Estadual de Campinas

CAI-Instrução apoiada de computador

MEC- Ministério da Educação

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior

PCNS- Parâmetros Curriculares Nacionais

DEB– Diretoriade Educação Básica Presencial

CFP- Centro de Formação de Professores

UFMG- Universidade Federal de Campina Grande

ID- Palavra inglesa que significa identidade

INTRODUÇÃO

Por meio de um mundo globalizado, a Tecnologia tem sido inserida nas salas de aula de maneira que o pincel e o quadro branco estão ocasionalmente em segundo plano no planejamento do professor na sua prática docente. Isso acontece devido aos altos índices de interesse dos discentes e pela facilidade que o professor encontra em situar o conteúdo programático a diversas fontes de pesquisas e atualizações por meios das redes sociais e estruturar ambientes de aprendizagem inovadores.

Novas abordagens sobre como repensar as atitudes e os métodos de ensino através das TICs já vêm sendo adotadas, uma vez que esses instrumentos têm se constituído grandes recursos didáticos para o trabalho pedagógico. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), inclusive, já possuem, em suas propostas, a inserção dessas ferramentas no dia-a-dia da sala de aula.

A partir destas considerações, esta pesquisa tem como proposta apresentar algumas contribuições no processo do desenvolvimento tecnológico na educação no contexto da escola pública, por meio das práticas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência PIBID- LÍNGUA INGLESA, em atuação na escola parceira E.E.E.F.M. Professor Crispim Coelho, da cidade de Cajazeiras na Paraíba.

Para contextualizar a pesquisa, o primeiro capítulo se dará por um panorama histórico sobre tecnologia, diante das considerações de alguns pensadores como (KENSI, 2007); (FAVA 2012); (RIPPER, 1999); (IMÍDEO GIUSEPPE NERICI, 1973), tendo em vista que as inovações tecnológicas estão cada vez mais inseridas no âmbito escolar e a partir disso exigem que os professores se capacitem para inserir na sua prática educativa recursos que auxiliem a aprendizagem do aluno.

Acerca dessa temática, autores como (VALENTE, 1997); (Cox, 2008) e (ALMEIDA, 2007) apresentam discussões sobre os avanços e perspectivas a partir do seu surgimento no contexto da escola pública, e como estes, vem crescendo e se atualizando no decorrer dos anos como também vem sendo aproveitados pelos docentes.

Por meio dessas colocações, o segundo capítulo trata-se de uma abordagem ao programa Pibid em seu contexto geral, tendo em vista sua importância, seus objetivos mediante suas bases legais, e a partir destas considerações apresentaremos o subprojeto de Língua Inglesa e as transformações que vem contribuindo tanto na formação dos

Bolsistas de Iniciação à Docência do Programa, como nas práticas da sala de aula com as docências compartilhadas. Para essas considerações, esta pesquisa se baseará nos objetivos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior- CAPES, além de (CLOT, 2004) e (PEREIRA, 2007) que argumentam sobre os fatores que são precisos para tornar-se docente.

Já o terceiro capítulo abordará um relato de uma docência compartilhada pelos Bolsistas ID da referida escola com o propósito de utilizar recursos tecnológicos em sala de aula desmistificando o uso do aparelho celular como fator de dispersão dos alunos vindo a ser utilizado nesta experiência como ferramenta pedagógica. Através do embasamento de alguns autores como (TRAVERSINI RODRIGUES E FREITAS, 2007) ao explicar sobre docência compartilhada, (ALMEIDA FILHO, 2002) e (VYGOTSKY, 1998) compreendendo o fator interação como fator transformador no ensino aprendizagem, (ARÁUJO, 2011) que defende que o uso do lúdico aliado ao uso de aparatos tecnológicos contribui de maneira eficaz na aprendizagem dos alunos. Subseqüente a essas explicações, (VASCONCELLOS, 2001) e (NOVÓIA, 1995) elucidam sobre a importância dos professores capacitarem-se diante dessa nova perspectiva que é o uso das novas tecnologias em sala de aula.

1. TECNOLOGIAS: UM PANORAMA HISTÓRICO.

Esse capítulo abordará as tecnologias sob um panorama histórico conceitual diante da diversidade de meios tecnológicos e atuações diante da escola e formação docente. O processo de construção utilizará os pensamentos de alguns autores como (KENSI, 2007), (FAVA, 2012), (RIPPER, 1999), (IMÍDEO GIUSEPPE NERICI, 1973) entre algumas pesquisas direcionadas ao tema em questão e abordará de forma significativa a interação entre o uso das mídias e a prática entre professor e aluno diante do contexto da educação básica da escola pública.

Nesse contexto é importante entender o tema em questão, Tecnologias são técnicas criadas pelo homem que geram conhecimento para sua sobrevivência. Segundo Aurélio Buarque (2001, p.664), a palavra tecnologia significa conjunto de conhecimento aplicado a um determinado ramo, pois como afirma Imídeo Giuseppe Nericí (1973, p.09), a palavra tecnologia vem do grego (techne =arte, ofício + logo =estudo de) e quer dizer aplicação de conhecimentos científicos na solução de problemas, ou ciência aplicada. Nas palavras de CASTELLS (1999, p. 18):

A palavra techne na Grécia antiga significa o conhecimento ou a disciplina que se associa com uma forma de poiesis. Por exemplo, a medicina é uma técnica cujo objetivo é curar o doente;a carpintaria uma técnica cujo propósito é construir a parte da madeira. Na visão grega das coisas, cada técnica inclui um propósito e um significado dos artefatos a cuja produção se orienta. Nota-se que para os gregos, as techne mostram a “maneira correta” de fazer coisas de maneira muito forte, até mesmo num sentido objetivo. Embora os artefatos dependam da atividade humana, o conhecimento contido nas techne não é matéria de opinião ou intenção subjetiva.

Portanto, pode-se compreender que as tecnologias são habilidades que o homem possui para construir instrumentos que irão servir para gerir informações e auxiliar na interação da prática cotidiana, desencadeando habilidades para o manuseio das ferramentas tecnológicas.

Os processos evolutivos das tecnologias ocorreram da forma simples a mais complexa, cada uma com sua especificidade e de grande utilidade para sobrevivência do homem a partir da sua necessidade, seu objetivo e época. Retrocedendo um pouco no

tempo para facilitar a compreensão desse período histórico é preciso entender que a tecnologia se faz presente desde o início dos tempos quando lá serviram de fontes de conhecimentos através dos documentos históricos (pedras, fósseis, papiro) que foram de grande relevância para que o homem sobrevivesse na terra. Como explica Kensi (2007, p.15)

[...]. Na verdade, foi engenhosidade humana, em todos os tempos, que deu origem as mais diferenciadas tecnologias. O uso do raciocínio tem garantido ao homem um processo crescente de inovações. Os conhecimentos daí derivados, quando colocados em práticas, dão origem a diferentes equipamentos, instrumentos, recursos, produtos, processos, ferramentas, enfim, a tecnologias. Desde o início dos tempos, o domínio de determinados tipos de tecnologias, assim como domínio de certas informações, distinguem os seres humanos. Tecnologia é poder. Na idade da pedra, os homens- que eram frágeis fisicamente diante de outros animais e das manifestações da natureza- conseguiram garantir a sobrevivência da espécie e sua supremacia, pela engenhosidade e astúcia com que dominavam o uso dos elementos da natureza. A água, o fogo um pedaço de pau ou osso de um animal eram utilizados para matar, dominar ou afugentar os animais e outros homens que não tinham os mesmos conhecimentos e habilidades.

Percebe-se então que a tecnologia teve sua origem por volta de 600 mil anos antes de Cristo, na Idade da Pedra Lascada, denominada (Paleolítico), época em que o homem produziu ferramentas de madeira, ossos e pedras, passando a dominar o fogo, criando e aperfeiçoando ferramentas de caça e pesca garantindo vestimentas e alimentação, facilitando a vida primitiva.

Nesse cenário que podemos perceber uma substancial evolução nos meios tecnológicos, com o passar do tempo o homem foi aperfeiçoando suas invenções, e o que antes eram desenhos em cavernas e símbolos em argila, mais a frente foram surgindo outros meios que revolucionaram o modo de pensar e agir do indivíduo.

A partir da descoberta da habilidade do homem de construir e inventar, a tecnologia passou por vários processos e técnicas que foram sendo aperfeiçoadas. O primeiro computador eletromecânico foi inventado por Konrad Zuse, uma máquina de grande escala denominada ENIAC, este, por sua vez, ganhou espaço em 1936. Tratava-se de uma máquina que pesava cerca de 30 toneladas e tinha 5,5 metros de altura, 25 metros de comprimento, 70 mil resistores e 17.468 válvulas, um enorme aparato que

auxiliava nos cálculos de precisão necessários para a bastilícia durante a II guerra mundial.

Com o passar do tempo, os computadores, agora eletrônicos, estão disponíveis vinte vezes menor que na primeira invenção, exemplo disso são os computadores estilo *notebooks*, *tablets* e *smartphones*, dentre outros, denominados tecnologias da informação e comunicação doravante denominadas (TIC's), todos com um único propósito, divulgar a informação.

Compreende-se então, que as TICs surgem já no fim da segunda guerra mundial pela percepção de que a sociedade e o mercado de trabalho já não exigiam apenas a força bruta do homem, mas, pelas necessidades econômicas e de outros fins em um mundo globalizado, o homem passa a dominar as máquinas digitais por meios de conhecimentos técnicos, científicos, culturais e éticos e não mais controla as máquinas a vapor das grandes indústrias que a época dispunha.

E é diante dessa realidade e exigências desse mundo globalizado que a escola torna-se o principal meio de qualificação do homem, pois nela o principal objetivo é formar cidadãos capazes de dominar e manusear os recursos para atuarem tanto no mercado de trabalho, quanto para manterem-se inseridos numa sociedade em que os recursos audiovisuais tornaram-se exigência no cotidiano social, político, econômico e educacional.

1.1 As Tecnologias no Contexto das Escolas Públicas do Brasil: Avanços e Perspectivas para o Século XXI

As tecnologias no âmbito educacional começaram a ser utilizadas nos Estados Unidos por volta da década de 1940, durante a segunda guerra, e veio a ser utilizada no currículo escolar em 1946 por universitários indianos com recursos audiovisuais, época em que a psicologia da aprendizagem tornou-se ambiente de estudo curricular influenciando o desenvolvimento da tecnologia na educação como disciplina dos currículos pedagógicos. Como cita Altoé e Silva (2005, p. 23),

No decorrer da década de 1950, a psicologia da aprendizagem tornou-se campo de estudo curricular da tecnologia educacional. Nessa época, as transformações causadas por esses estudos foram imprescindíveis, sobretudo como novos paradigmas de aprendizagem que muito influenciaram o desenvolvimento da tecnologia educacional como disciplina dos currículos pedagógicos.

Sucedendo, a esse acontecimento, houve a revolução eletrônica em 1960, onde a televisão e o rádio eram os principais meios de informação e comunicação que a sociedade tinha acesso. Como ainda afirmam Altoé e Silva (2005, p. 26)

Na década de 1960, houve grande avanço no desenvolvimento dos meios de comunicação de massa de âmbito social. A revolução eletrônica, sustentada em um primeiro momento pelo rádio e pela televisão, foi fundamental para que houvesse uma revisão de inigualável importância aos padrões de comunicação empregados até então [...]. Os Estados Unidos e o Canadá formaram o grupo de países considerados como o cerne original desses acontecimentos revolucionários na área da comunicação.

A partir disso, com o desenvolvimento da informática e com a utilização dos computadores nas atividades educacionais, as primeiras iniciativas do uso das tecnologias na educação no Brasil se deram a partir de algumas experiências de algumas Universidades Federais na década de setenta, dentre elas a UFRJ, em 1973. O Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde e o Centro Latino-Americano de Tecnologia Educacional usou o computador no ensino de Química, para realizar simulações. (VALENTE 1997)

Dando continuidade a esses dados, na UFRGS, nesse mesmo ano, realizaram-se algumas experiências usando simulação de fenômenos de física com alunos de graduação. Na UNICAMP, em 1974, foi desenvolvido um software, tipo CAI, para o ensino dos fundamentos de programação da linguagem basic, usado com os alunos de pós-graduação em Educação.

Além disso, muitos livros sobre informática educativa e artigos têm sido publicados nas mais diversas áreas sendo contempladas com linhas especiais financiadas por empresas e instituições tanto públicas quanto privadas. No entanto, pós esses testes, a implantação da informática na educação só veio ser iniciada a partir do primeiro e segundo Seminário Nacional de Informática em Educação, realizado na Universidade de

Brasília em 1981 e na Universidade Federal da Bahia em 1982. Nestas apresentações ficou estabelecido um programa que originou o EDUCOM, uma associação portuguesa dedicada ao uso da telemática na Educação, com sistema de trabalho diferente de qualquer outro programa que tinha como objetivo assumir-se como um importante instrumento de desenvolvimento da educação através do recurso a tecnologias, como a Internet e suas modalidades.

É neste contexto que em 1998 foi criado o Centro de Competência Nónio Século XXI, com abrangência regional para a região do Algarve e também nacional. Em 2005, foi concluído o processo de acreditação do Centro de Formação de Professores EDUCOM, que privilegia a formação à distância e a fim de renovar de forma inovadora o sistema educativo.

Levando em consideração os resultados do Projeto EDUCOM, o MEC criou, em 1986, o Programa de Ação Imediata em Informática na Educação de 1º e 2º graus, destinado à capacitação dos professores (Projeto FORMAR) e a implantar infraestruturas de suporte nas secretarias estaduais de educação (Centros de Informática Aplicada à Educação de 1º e 2º grau - CIED), Escolas Técnicas Federais (Centros de Informática na Educação Tecnológica - CIET) e Universidades (Centro de Informática na Educação Superior - CIES). Nessa linha temporal foi possibilitado ao MEC instaurar através da Portaria Ministerial n. 549/89, o Programa Nacional de Informática na Educação – PRONINFE, que em 1997, iniciou a primeira versão do PROINFO Programa Nacional de Informática na Educação com a proposta do governo de inserir a tecnologia de informática nas escolas da rede pública de ensino.

Diante desse contexto, as tecnologias estão cada vez mais inseridas nas mais diversas áreas de conhecimento e ganhando espaço na realidade da educação brasileira como também na vida do ser em sociedade. Segundo Fava (2012), A tecnologia está mudando a educação, não apenas na organização, escolha e disponibilidade dos conteúdos, mas também na distribuição, ou seja, a tecnologia está presente de maneira integral e conseqüentemente influenciando a vida das pessoas.

Nesse sentido, não é necessário esforçar-se para perceber quão grande e acelerada está o avanço tecnológico, visto que desde o primeiro computador, têm surgido bases de atualizações e novas invenções impulsionando outras características e de maneira veloz transformando-se em instrumentos de trabalho e comunicação.

Segundo (SILVA, M. 1992) os instrumentos criados pela ciência e pela técnica eram prolongamentos do homem na produção de uma sociedade tecnológica, na qual as novas máquinas possuem capacidade de lidar com o conhecimento e a informação. No entanto, a preocupação com o rumo dessas tecnologias impõe a área da educação produzir o conhecimento pedagógico posicionando o indivíduo a ser sujeito da tecnologia ou do contrário virar as costas a uma nova realidade.

Frente a essa situação, a área da educação tem como desafio enfrentar a inserção das novas tecnologias centradas nas inovações curriculares e didáticas, visto que com essa nova organização o reconhecimento profissional do professor torna-se necessário incluir nos currículos escolares as habilidades e competências exigem diferentes abordagens, especialização dos saberes, capacidade de inovar, criatividade e comunicação, levando em consideração o alto teor de atualizações e um vasto acesso a informação ligado ao desenvolvimento colaborativo de interação social e uma autonomia discente perceptiva na atualidade.

A tecnologia deve ser um fator comum entre o professor e seus alunos, utilizar a informática em suas aulas é compartilhar com os alunos as experiências que já fazem parte de seu dia-a-dia. Esta proximidade poderia ser um facilitador nas interações entre professores e alunos. (SILVA, M. 1992, p.10).

Assim, no mundo em que o professor utiliza a tecnologia no âmbito escolar, o conhecimento não é apenas ensinado, e sim construído individualmente e coletivamente, se diferenciando do tradicionalismo e idealizando atividades atrativas e convidativas, mostrando também novas possibilidades de aprendizagens e desvendando uma nova forma de lecionar.

Por outro lado, para que se construa essa realidade, seriam necessárias algumas mudanças no âmbito das escolas públicas, visto que, mesmo com todo auxílio das TICs e seus softwares¹ os educadores não estão preparados, nem conectados, o que para isso seria fundamental ter formações continuadas de acordo com a realidade do contexto em que a escola está inserida, exemplo disso são professores com laboratórios de informática montados em suas escolas, mas não têm o devido acesso por não saberem usar as máquinas e seus programas. Assim expõe Ripper (1999, p.58):

¹Conjunto de componentes lógicos de um computador ou sistema de processamento de dados, rotina, ou conjunto de instruções que controlam o funcionamento de um computador.

O que é necessário é uma mudança na própria estrutura do ensino, menos preocupado com o cumprimento de rígidos currículos uniformes, estimulando iniciativas e criatividade. Para isso, é necessário preparar o professor para assumir uma nova responsabilidade como mediador de um processo de aquisição de conhecimento e de desenvolvimento da criatividade dos alunos. Introduzida neste contexto, a tecnologia pode ser uma ferramenta valiosa, facilitando esta intermediação e um atendimento mais individualizado, e ajudando a remover barreiras ao processo de descobertas e ao acesso ao conhecimento.

É importante perceber que o uso dos meios tecnológicos nas aulas quebrada condução das práticas pedagógicas. Os educadores da atualidade ainda estão centrados em quadro, pincel e livros didáticos, porém, segundo Cox (2008), esses recursos midiáticos estão invadindo as salas de aula, restando à escola discutir e descobrir o que fazer com essas inovações didáticas.

Por este e outros motivos que os professores precisam saber e dominar esses novos meios tecnológicos e entender que até mesmo as classes menos favorecidas estão dispondo de conhecimentos que muitas vezes ultrapassam o dos docentes, o que segundo Almeida (2007, P.172), se constitui em um cenário desafiador para o professor, pois esse necessita assumir postura de aprendiz ativo, crítico e criativo para aderir as exigências que essa nova sociedade educacional impõe. Nesta visão, cabe ao professor articular-se nas atualizações, não deixando esse papel apenas para as esferas governamentais, fator este que, mesmo com o maquinário acessível, deixa a responsabilidade de atuação nas “mãos” do docente.

Embora os meios tecnológicos tenham surgido há tempos, todos os dias surgem atualizações provocando impacto tanto na rede de ensino que sofre com a demora para que essas atualizações sejam feitas nas escolas, quanto os docentes que encontram dificuldades no uso desses recursos fazendo com que não se consiga acompanhar esse processo que avança progressivamente, influenciando o crescimento da era digital.

É notório o crescimento desses instrumentos, pois o que antes se fazia educação apenas por rádio e televisão, hoje se dispõe de aparelhos como *Notebooks*, *Data Shows*, *Pendrives*, *Cds*, *Dvs*, *TvsLcds*, *Iphone*, *I pad*, entre outros, cujas funções se fazem variadas e muitas vezes ultrapassando a necessidade do indivíduo, processo também influente por um mercado capitalista que usa desses subsídios para encarecer os

produtos, tornando cada vez mais inacessível ao orçamento do professor, dificuldade também decorrente da profissão.

A transformação através da chegada da tecnologia trouxe alguns confortos como afirma Kensi (20017, p. 19) “As tecnologias invadem nossas vidas, ampliam nossa memória, garante novas possibilidades de bem- estar fragilizam as capacidades naturais do ser humano”, ou seja, recursos que serviriam para auxiliar e dinamizar as aulas também estão fazendo com que alguns professores caiam no comodismo. Muitas vezes o professor utiliza desses meios apenas como atividades de entretenimento e não como meios que possibilitem a aquisição de conhecimentos e informações. Com base nesse pensamento, Bortolozo, Cantini e Alcantara (2011, p. 2) afirmam que:

As mudanças que vêm ocorrendo na sociedade, principalmente decorrente das novas descobertas e inovações tecnológicas vêm exigindo uma reorganização nas atividades escolares, uma educação de qualidade e um professor preparado para enfrentar desafios e propor soluções.

Para tanto, os professores precisam dispor da consciência que é preciso saber utilizar os recursos tecnológicos, estabelecendo vínculo com os alunos, mas de uma forma que não se perca o objetivo do uso desses meios na sala de aula. Como afirma Libanêo, (2007, p. 71 *apud* SOUSA, 2013, p.18) “Não basta que os professores disponham dos meios de comunicação ou apenas saber usá-los, mas explorar da melhor forma esses recursos de forma crítica”, e que assim não se perca a coerência do uso dos meios tecnológicos.

Apesar de a sociedade estar rodeada pelas mídias, poucos sabe o que ela significa. É importante entender que mídia é todo e qualquer meio de comunicação de massa, como por exemplo: televisão, rádio, internet, cinema, teatro, entre outros que sejam utilizados por meios educacionais, possibilitando a comunicação e informação e que postas em sala de aula podem ocasionar aulas diversificadas e atrativas. Freire (2011, p. 54) destaca que :

A mídia, mais que transmissor de informações, é uma ambiência, uma forma de vida. O que se passa no mundo é representado no discurso midiático. Esse discurso desenha o real, pautando as conversas do dia-a-dia, ditando comportamentos, vestindo os corpos e as mentes de

cores e formas do interesse de uma lógica global, de um pensamento único.

Compreende-se então que a mídia é de extrema importância na vida das novas gerações, ou seja, de um alunado atualizado. Saber o que significa e qual sua utilidade, principalmente na parte pedagógica, por parte dos docentes, é indispensável para que suas práticas sejam eficientes e os resultados que venham a ser obtidos sejam positivos.

Tendo em vista estas discussões, o governo vê a necessidade de implantação de alguns programas ligados a educação básica, que são de extrema importância no fortalecimento e valorização do magistério. Segundo as Bases Educacionais e A Educação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES),

O conjunto dos programas insere-se em uma matriz educacional que articula três vertentes: formação de qualidade; integração entre pós-graduação, formação de professores e escola básica; e produção de conhecimento. Na base de cada ação da DEB está o compromisso da CAPES de valorizar o magistério da educação básica.

Esses programas mantêm uma base comum que é a formação de qualidade, em um processo intencional, articulado e capaz de se retroalimentar, gerando um movimento progressivo de aperfeiçoamento da formação docente, minimizando a falta de prestígio da profissão docente e a desarticulação entre a teoria e a prática escolar, estimulando o acesso e a permanência de estudantes em cursos de licenciatura.

Diante desta perspectiva alguns destes programas têm atuado de maneira positiva no âmbito educacional da escola pública, em parceria com o Ministério da Educação (MEC) juntamente com A Educação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e os governos Municipais e Estaduais, dentre eles destaca-se o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID) que será apresentado no próximo capítulo.

2. O PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA – PIBID: HISTÓRICO E ATUAÇÃO NO ENSINO BÁSICO NO BRASIL.

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência doravante denominado PIBID, é um projeto que visa valorizar os alunos de licenciatura das Universidades públicas, buscando favorecer uma melhoria na formação docente onde sua principal atuação centra-se em todos os níveis da educação básica, tendo em vista que a formação inicial do professor depende de uma formação adequada. O Ministério da Educação, em ação conjunta com a Secretaria de Educação Superior da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES, e do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE, desenvolveu esse programa que tem beneficiado muitos estudantes em várias universidades do país.

O programa tem como base legal as Leis nº 9.394/1996, Lei 11.273/2006 e o Decreto nº 7.219/2010, consistindo na concessão de remunerações em forma de bolsa aos integrantes, e no repasse de recursos financeiros para custear suas atividades, possibilitando aos acadêmicos participarem da comunidade escolar e realizarem atividades didático-pedagógicas visando melhorar a formação inicial docente do bolsista. O incentivo financeiro aliado à possibilidade de desenvolver práticas docentes nas escolas durante o curso tem se mostrado um importante fator para o sucesso do programa.

Tais iniciativas têm proporcionado uma vasta importância aos estudantes de licenciatura, que através do Programa PIBID têm a oportunidade de diferenciar a teoria da prática desde os primeiros anos da graduação a fim de realizar atividades didático pedagógicas, fornecendo um vínculo entre o ensino superior e a realidade da educação básica e possibilitando novos olhares no processo de ensino-aprendizagem durante sua formação profissional.

Diante desse contexto, a fim de promover melhorias no âmbito educacional entre o discente e a prática escolar da educação básica, o Programa atua a partir dos seguintes objetivos. (BRASIL, 2013, P. 3):

- Incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica;
- Contribuir para a valorização do magistério;
- Elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre educação superior e educação básica;
- Inserir os licenciados no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino e aprendizagem;
- Incentivar escolas públicas de educação básica, mobilizando seus professores como co-formadores dos futuros docentes e tornando-as protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério;
- Contribuir para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura;
- Contribuir para que os estudantes de licenciatura se insiram na cultura escolar do magistério, por meio da apropriação e da reflexão sobre instrumentos, saberes e peculiaridades do trabalho docente.
- Articular-se com os programas de formação inicial e continuada de professores da educação básica, de forma a contribuir com a criação ou como fortalecimento de grupos de pesquisa que potencialize a produção de conhecimento sobre ensinar e aprender na Educação Básica.
- Comprometer-se com a melhoria da aprendizagem dos estudantes nas escolas onde os projetos institucionais são desenvolvidos.

A partir desses objetivos, os participantes do PIBID têm a oportunidade de vivenciar o cotidiano escolar, conhecer, planejar e atuar, participando da realidade entre ensinar e ao mesmo tempo aprender e aprimorar o desejo de seguir com esta profissão. Sobre esta participação, Canan (2012) argumenta que:

É durante esse processo de inserção na sala de aula em que o discente universitário passa a conhecer o funcionamento do fator escola, o que para muitos deles o que era de sonhos passa a ser um choque com a dicotomia entre teoria e prática.

Entretanto, para o elo entre teoria e prática, é necessária a formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura,

exercendo um papel fundamental na construção de novas estratégias metodológicas. (MELO, 2012).

Além disso, o professor necessita de muito mais do que a intuição para proceder sobre sua prática; precisa estar preocupado com o aluno, com o conhecimento a ser transmitido, com suas reações frente a esse conhecimento e com seus propósitos frente ao seu conhecimento estando consciente do seu compromisso durante esse processo. Sobre isso Alonso, (1999) ressalta que:

É nesse momento que compreendemos a importância dos aspectos institucionais, organizacionais, uma vez que o local de trabalho, o ambiente geral da escola e as condições oferecidas são fatores fundamentais a serem na formação desse professor.

Mediante essa visão, as atividades realizadas pelo programa PIBID, proporcionam ao estudante universitário uma maior aprendizagem que mediante orientação de um professor supervisor, este, professor da disciplina em atuação, torna-se suporte necessário para auxiliá-lo, já que ele mantém o convívio direto com a escola em questão junto com um coordenador que acompanha e gerencia todo processo, Consistindo assim em uma hierarquia.

A união do PIBID com a escola fortalece um conjunto de saberes pedagógicos que são essenciais para o exercício profissional docente, como a união do conteúdo curricular com o conhecimento de mundo do aluno. Fatores como idade, crenças, personalidade, capacidade de compreensão, interesses que devem ser levados em consideração no momento de planejar uma docência. Moreira, (1995) afirma que é necessário considerar a cultura de origem e a experiência de vida do aluno como pontos de partida de uma prática pedagógica voltada para os interesses dos setores populares.

Nesse contexto, o programa além de possibilitar esse fortalecimento, se diferencia do estágio curricular, pois, o estágio acontece mediante disciplinas complementares no processo universitário com carga horária mediante ementa da disciplina. Já o Programa PIBID, parceira das IES, lança edital para seleção de bolsistas. Logo,

O PIBID diferencia-se do estágio supervisionado por ser uma proposta extracurricular, com carga horária maior que a estabelecida pelo Conselho Nacional de Educação - CNE para o estágio e por acolher bolsistas desde o primeiro semestre letivo, se assim definirem as IES em seu projeto. A inserção no cotidiano das escolas deve ser orgânica e não de caráter de observação, como muitas vezes acontece no estágio. A vivência de múltiplos aspectos pedagógicos das escolas é essencial ao bolsista. (BRASIL, 2012, p.30).

O PIBID apresenta-se como um espaço de múltiplas possibilidades que se abrem para os acadêmicos dos cursos de licenciatura de uma forma muito diferente daquilo que propõe o currículo dos cursos, quando as práticas e os estágios a serem realizados fazem parte do contexto curricular e se restringem a um tempo específico, porém essenciais para a formação do graduando.

Ressaltando a importância do PIBID e Estágio é necessário entender que os dois atuam de maneira significativa na experiência do universitário, pois, atingem o amadurecimento dos que pretendem seguir carreira docente. Sabino (2012, p. 72) considera que a finalidade da prática pedagógica é propiciar ao aluno uma aproximação com a realidade na qual atuará, além disso, vivencia o desafio de conviver com as dificuldades presentes nas escolas públicas, tendo a oportunidade de articular o conhecimento teórico-acadêmico com o contexto escolar.

Acima de tudo, o referido programa está em atuação em todo país, proporcionando essa articulação entre escola básica e Universidades Federais, possibilitando aos futuros professores a criação de estratégias metodológicas em diferentes disciplinas, como História, Ciências Biológicas, Matemática, Física, Química, Língua Portuguesa e para algumas IES a participação de Língua Espanhola e Língua Inglesa. (BRASIL, 2014).

Em seu período de atuação como bolsista, o graduando irá atuar em sua área de estudo articulando-se com a interdisciplinaridade, promovendo a interação entre as áreas e também entre o aluno, professor e cotidiano, tendo como compreensão de que se torna um elo, unindo-se para abrir sabedorias, resgatar possibilidades e consequentemente haver a superação do saber.

A interdisciplinaridade não dilui as disciplinas, ao contrário, mantém sua individualidade. Mas integra as disciplinas a partir da compreensão das múltiplas causas ou fatores que intervêm sobre a realidade e trabalha todas as linguagens necessárias para a constituição de conhecimentos, comunicação e negociação de significados e registro sistemático dos resultados. (BRASIL, 1999, p.89).

O PIBID desenvolve docências mais dinâmicas, práticas interativas, não eliminando disciplinas, mas concebendo o diálogo com outras formas de conhecimento. Como afirma Fazenda (2002), o pensar interdisciplinar parte da premissa de que nenhuma forma de conhecimento é em si mesma racional. Sob o mesmo ponto de vista, Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCN) orientam para o desenvolvimento de um currículo que contemple a interdisciplinaridade como algo que vá além da justaposição de disciplinas e, ao mesmo tempo, evite a diluição das mesmas de modo a se perder em generalidades. Junto a essas estratégias, o PIBID com suas práticas almejam de maneira positiva adentrar no território escolar e nos fatores que compreendem a educação absorvendo melhorias.

Após essas discussões sobre O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID), passaremos agora a conhecer o Subprojeto: LÍNGUA INGLESA: “A Produção de Saberes Coletivos: A Prática Reflexiva na Formação e identidade dos Professores de Língua Inglesa da Paraíba, que foi criado a partir do o EDITAL N° 61/2013 – CAPES/DEB.

2.2 PIBID -LÍNGUA INGLESA- CFP- UFCG

O Subprojeto PIBID -LÍNGUA INGLESA- CFP- UFCG vincula-se desde 2013 ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência –PIBID da UFCG e objetiva promover a iniciação à docência dos graduandos do curso de Licenciatura Plena em Letras - Língua Inglesa do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) para atuarem na educação básica das escolas públicas do Município de Cajazeiras na Paraíba.

Em parceria com o governo da Paraíba, as escolas nas quais o subprojeto Língua Inglesa atua são: E.E.E.F.M. Professor Crispim Coelho e E.E.E.F.M. Professor Cristiano Cartaxo, escolas que possuem Ensino Fundamental, Médio, Educação de Jovens e adultos (EJA) e Ensino Profissionalizante. A sociedade em que as escolas estão inseridas está centrada entre as classes média e baixa e os alunos mesclam-se entre a zona rural e urbana. Diante desse contexto, o subprojeto tem como objetivos:

Formar profissionais com sólido embasamento teórico e prático acerca da linguagem e seus usos, particularmente em suas modalidades oral e escrita Também de formar profissionais críticos para a análise da linguagem, a produção de conhecimento e aplicação em diferentes contextos sócio-comunicativos, habilitar os profissionais na área de Letras, em língua inglesa, para o exercício crítico e transformador da prática educativa na Educação Básica, particularmente na segunda fase do Ensino Fundamental e no Ensino Médio de Língua Inglesa e suas respectivas literaturas, adequando as dimensões do ensino, da pesquisa e da extensão às peculiaridades da realidade do Alto Sertão paraibano e ao campo de atuação do profissional de Letras inserido nesse cenário.(BRASIL, 2013, p. 02)

A partir desses objetivos, os bolsistas de iniciação a docência devem participar do planejamento, elaboração, desenvolvimento e avaliação, de modo que, superem os problemas identificados diante das dificuldades e expectativas sentidas pelos alunos no ensino de Língua Inglesa. Segundo Holden (2009, p. 17):

Os alunos trazem expectativas de sucesso para sala de aula. O problema é que no mundo de hoje presume-se com muita frequência que o sucesso será fácil, rápido e indolor. O que os alunos podem não perceber é que a aprendizagem de qualquer idioma estrangeiro requer muito trabalho, precisa de prática, de atividades, de memorização, assim como de atividades comunicativas e criativas.

E é por meio dessa sondagem, que os bolsistas PIBID-LÍNGUA INGLESA buscam através de planejamento, atuar de forma ativa sobre essas dificuldades e expectativas. Quando se fala em planejamento, o professor passa de uma autoria mental a coletiva, pois, é preciso pensar no comum, em um contexto maior que alunos e material didático e passar a atuar num compromisso entre cidadãos aprendizes de uma nova língua mediante a diversidade de instrumentos prontos a serem utilizados pelo professor. Desse modo Clot (2004) afirma que, “O planejamento dessa forma passa ser

um instrumento de transformação.”, ou seja, que permite ao professor superar o planejamento como ferramenta técnica atrelando a ações possíveis e qualificadas. Diante dessa visão, o planejamento do subprojeto detalha-se em (BRASIL, 2013, p. 04):

- Formação do grupo de estudos do Subprojeto envolvendo coordenador de área, supervisores e bolsistas;
- Reunião de apresentação com os bolsistas e supervisores selecionados;
- Formação das equipes de trabalho, voltada para a preparação e treinamento dos bolsistas e supervisores selecionados para trabalharem em conjunto no subprojeto de Letras Língua Inglesa;
- Contato com a estrutura pedagógica das escolas parceiras (direção, pedagogos, responsáveis de área, etc.) e apresentação do Subprojeto;
- Avaliação da estrutura física (salas de aulas, laboratório de informática, biblioteca, etc.)
- Leitura e análise do Projeto Político Pedagógico das escolas (PPP), do Regimento Escolar e da Proposta Pedagógica Curricular da disciplina de Língua Inglesa;
- Realização de reuniões com os bolsistas e supervisores, a fim de compartilhar e discutir os dados obtidos das ações de diagnóstico.

Desta forma, o subprojeto age de maneira crescente, interligando os conhecimentos teóricos a prática, tornando o planejamento significativo para o aluno, apreendido socialmente e construído em interações.

Após a fase de planejamento, os bolsistas iniciam sua fase de elaboração de material, fator importante e indispensável nas aulas de Língua Inglesa, não somente pelos livros didáticos, ao qual os professores de línguas estão acostumados a utilizar, mas na construção de materiais contextualizados e autênticos que servirão de grande auxílio na ministração das aulas. Há de se considerar, segundo Almeida (2011, p. 16) que:

Cada material não é simplesmente apoio ou instrumento no ensino e, sim, a base codificada, a partitura que se sugere transformar na ação ensinadora e adquiridora como apoios mais ou menos impactantes de recursos.

Vale também salientar que a construção de materiais não elimina o uso do livro didático, pois este tem sua importância como um instrumento representativo e imprescindível na prática docente, mas essa produção faz-se necessária no processo

ensino-aprendizagem de línguas, já que além de quebrar o tradicionalismo abre um leque para novos recursos e metodologias. Pereira (2007, p. 123) argumenta em sua pesquisa sobre representações no livro didático para o ensino de língua estrangeira que:

Os materiais didáticos muitas vezes demoram a retratar certos avanços da sociedade na qual são produzidos e consumidos, principalmente no que diz respeito a conquistas de minorias sociais que forjam mudanças de hábitos, costumes e paradigmas sociais.

Todavia, no momento da construção, os bolsistas além de tomarem certo cuidado para não seguir esses estereótipos, buscam inovar, não descartando esse item, mas também proporcionar aos estudantes novas visões e criticidade, ponto importante no aprender de uma nova língua, com ações voltadas para a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem, levando em consideração o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB e o desempenho das escolas parceiras e universidade, expressos através das avaliações do PROVA BRASIL, Sistema de Avaliação da Educação Básica - SAEB, Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, e Exame Nacional de Desempenho de Estudantes – ENADE.

A próxima fase seria a de docência compartilhada. Trata-se de o aluno de licenciatura adentrar em sala de aula semanalmente, sob a supervisão do professor da disciplina, fator extremamente importante, pois, uma vez não bem orientado, este pode vir se desmotivar no momento de colocar em prática o planejamento até então concebido. Para além da sala de aula, o subprojeto também serve como apoio à aqueles que obtiverem mais dificuldades, o plantão pedagógico, no qual os bolsistas estarão duas horas semanais preparados para superar essas dificuldades através do que pode se chamar de revisão ou estarem envolvidos com a produção de trabalhos científicos e pesquisas.

Além de todos esses deveres dos bolsistas, fator de importância crucial estão ainda as reuniões com o coordenador de área do Subprojeto, nesse momento as orientações dão oportunidade de refletir sobre as práticas pedagógicas, interagir em grupo as experiências, e sobre as diversas situações do ensino-aprendizagem, que vão

além das teorias da sala de aula do curso de Letras-Língua Inglesa. Para esse espaço, Imbernón (2000,p.15) ressalta que:

A formação assume um papel que transcende o ensino que pretende uma mera atualização científica, pedagógica e didática e se transforma na possibilidade de criar espaços de participação, reflexão e formação para que as pessoas aprendam e se adaptem para poder conviver com a mudança e a incerteza.

Nesse sentido, Schon (2000, p.61) ainda ressalta que “ os professores precisam ser formados como profissionais reflexivos, a partir de uma prática investigativa e de uma reflexão na ação e sobre a ação”. Neste sentido, o PIBID tem atuado seriamente e de forma pontual.

Paralelamente a isso, ao longo dessa jornada, os Pibidianos ainda participam de eventos científicos, publicação de artigos em anais de eventos, promove a divulgação dos trabalhos desenvolvidos no subprojeto tanto dentro da escola parceira quanto em eventos, realizam mini-cursos e oficinas, e promovem a ação efetiva nos eventos do PIBID Letras- Língua Inglesa e Encontros do PIBID, salientando que, no ano de 2017 este encontro já se encontra na VII edição.

Considerando as práticas do subprojeto Língua Inglesa vale destacar a importância que o PIBID vem desenvolvendo mediante as escolas parceiras, salientando as contribuições que influenciam as formas de atuação do graduando em sala de aula mediante o planejamento, construção de materiais e atuação.

Considerado uma atividade de pesquisa do subprojeto, “o uso de ferramentas inovadoras (internet, recursos audiovisuais, softwares, etc.) auxiliares ao ensino de Língua Inglesa na educação Básica”, o próximo capítulo relatará as contribuições do PIBID LÍNGUA INGLESA mediante as dificuldades no uso desses recursos tecnológicos encontrados nas escolas parceiras, e demonstrará através de uma sequência didática como é possível o professor utilizar meios tecnológicos ligados ao cotidiano do aluno com os equipamentos já existentes sem ser necessário uma grandiosidade de recursos para tal atividade.

3. O USO DAS TECNOLOGIAS NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA: CONTRIBUIÇÕES DO PIBID.

Conforme mencionado, este capítulo se dará por um relato sobre uma docência compartilhada do Programa Institucional de bolsa de Iniciação a Docência (PIBID) na escola parceira do Subprojeto, Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Crispim Coelho com a utilização de alguns recursos tecnológicos, e usará pressupostos teóricos como Traversini Rodrigues e Freitas, 2007, Almeida Filho, 2002, Holden, 2009, Kishimoto, 2008, Vygotsky, 1998 como também os PCN Língua Estrangeira como base teórica no desenvolvimento desta atividade.

A princípio é importante entender que: “Docência compartilhada segundo o Dicionário Aurélio significa: ter ou tomar parte em; participar de; partilhar, usar em comum”. Docência, por sua vez, significa: “qualidade do docente, ensino do magistério.” Em linhas gerais entende-se por algo que se partilha com o outro de forma participativa. Além disso, Traversini, Rodrigues e Freitas (2007, p. 2) entendem como:

Uma ação docente entre dois professores compartilhada, em sala de aula com planejamento também compartilhado, ou seja, não é realizado apenas entre os professores, supõe a participação dos docentes envolvidos, com o projeto e da equipe direta, com assessoramento pedagógico especializado.

Levando para o contexto do subprojeto PIBID, é fácil identificar a semelhança que consiste diante de seus objetivos, ou seja, o bolsista geralmente atua em dupla e o planejamento em conjunto com o supervisor e coordenador de área, formando assim a docência compartilhada.

A partir dessas considerações, os bolsistas do PIBID Língua Inglesa vem ocupando um espaço significativo diante das escolas parceiras, pois desmistifica o uso de línguas como algo para aprender somente regras gramaticais e vocabulário e constrói uma nova aplicabilidade diante das metodologias como também com o uso das novas tecnologias, a partir de uma nova era em que a Comunicação e Interação estão cada vez mais presentes no ensino de línguas. Almeida Filho (2002, p.11) contextualiza que: “Aprender uma nova língua na escola é uma experiência educacional que se realiza para

e pelo aprendiz/aluno como reflexo de valores específicos do grupo social e/ou étnico que mantém essa escola”. Sobre o fator interação, OS PCN ainda acrescenta que:

Integradas à área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, as Línguas Estrangeiras assumem a condição de ser parte indissolúvel do conjunto de conhecimentos essenciais que permitem ao estudante aproximar-se de várias culturas e, conseqüentemente, propiciam sua integração num mundo globalizado.

Nesse sentido, a aprendizagem de uma língua estrangeira prioriza a interação do professor- aluno aproxima dos aspectos histórico-culturais proporcionando valores e práticas significativas da língua. Diante dessa perspectiva, Vygotsky (1998, P. 73) complementa que:

A interatividade é compreendida nesse espaço de aprendizagem, em diálogo com a zona proximal do desenvolvimento que pode, então ser definida como intersecção entre as práticas de sujeitos envolvidos na resolução e socialização da construção de conhecimento e da prática de vida comum. Esse cenário direciona o olhar da aprendizagem que deve ser antes de tudo desafiadora, partindo do que se sabe para o que se quer saber, num percurso interativo e contextual.

Dessa forma, transformar o ensino de línguas em algo atraente, interagir com uma geração cada vez mais atualizada, informada, numa sociedade crescente onde os avanços estão cada vez mais adentrando a realidade escolar, cabe ao professor tentar atuar paralelamente com o uso das novas tecnologias em sala de aula.

Tendo em vista que atualmente é cada vez maior a cobrança do uso desses recursos numa era que a tecnologia compreende os espaços sociais, culturais e educacionais, foi planejada e executada pelos bolsistas, uma docência que compreendesse o uso dos meios tecnológicos em sala de aula. Essa articulação foi desenvolvida a partir da necessidade de integrar esses meios ao aprendizado de Língua Inglesa, objetivando mostrar que apesar das dificuldades desse uso no âmbito educacional, é possível adequá-los ao ambiente e tornar a aprendizagem significativa.

Segundo Holden (2009, p. 44), “O uso de recursos eletrônicos pode ser muito gratificante, mas é importante examina-los no contexto das metas e dos objetivos gerais, na realidade da sala de aula e na própria competência.” Levando em consideração esse

pensamento, a elaboração dessa sequência partiu primeiramente de um reconhecimento de quais recursos poderiam ser utilizados para dar início a docência, para então seguir com a ministração.

Durante a execução, foram utilizados alguns recursos tecnológicos, desde a construção do plano de cada aula até o decorrer das ministrações. Kenski (2007) afirma que estes recursos estão presentes durante todo processo pedagógico, a partir do planejamento, as ministrações, até a conclusão de curso dos alunos. Todavia, Holden (2009) ainda adiciona que a combinação desses recursos com aulas podem ser apropriadas em algumas situações, denominando como aprendizagem combinada, ou seja, a aprendizagem que utiliza métodos clássicos e modernos no ensino.

A fundamentação também atua nas leituras dos PCN (BRASIL,1988) e das Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio/OCEM (BRASIL,2006), quando provém da abordagem estruturalista (ensino de gramática pela gramática) e alcança o campo do funcionalismo (significação ou aplicabilidade na vida do aluno) e para isso, é preciso uma aproximação da realidade do aluno.

A docência foi realizada no 3º ano do Ensino médio e para essa realização foram necessárias quatro aulas, a primeira e segunda aula tiveram como tema: *Whatis Technology?*², e foram utilizados alguns recursos como: Micro Computador, Data Show, Pen Drive e Caixa de Som. Para contextualizar a docência, foi reproduzido alguns slides, que continham algumas explicações do que seria tecnologia, como e quando surgiu, o que são aparatos tecnológicos, como também foi possível trabalhar o vocabulário, diante das habilidades inglesas, *Listening*³ e *Speaking*⁴ referindo-se aos principais aparelhos e como mudaram de acordo com o tempo. Também foi possível apresentar um vídeo que apresentava as mudanças tecnológicas no âmbito educacional e consequentemente um livre debate acerca do tema.

Para dar continuidade, na terceira e quarta aula após dividir a sala em dois grupos, foram reforçadas estas habilidades citadas acima e acrescentadas o *Reading*⁵ e

² Tradução: O que é Tecnologia?

³Listening: Capacidade do aluno compreender as informações.

⁴Speaking: Capacidade do aluno se comunicar através da oralidade.

⁵ Reading: Capacidade do aluno comunicar e interpretar.

*Writing*⁶. Na primeira parte da atividade, os bolsistas que já haviam construído um material (fotos em anexo), e disponibilizado algumas imagens impressas referentes aos aparelhos estudados, utilizaram novamente aparatos tecnológicos Data Show e Micro computador para apresentar um *Quiz*⁷. Neste, os grupos teriam que escolher um número em inglês, ler a dica e através dela descobrir e escrever em seu aparelho celular, por meio de mensagem de texto ou bloco de notas a palavra correta, aquele grupo que escrevesse corretamente, já passaria para escrever também no material produzido pelos bolsistas, conseqüentemente ganharia um ponto. A próxima etapa seria a da pronúncia; caso o aluno conseguisse pronunciar esta palavra corretamente, o grupo ganharia outro ponto. A equipe que dispusesse de mais pontos ganharia o jogo.

A partir desta experiência foi possível perceber que a Internet⁸, apesar de ser um componente essencial e um poderoso recurso da informação e comunicação, não foi necessária nas ministrações dessa docência. Levando em consideração que as Escolas Públicas Brasileiras estão cada vez mais equipadas com ambientes computadorizados, o fator Internet ainda é uma questão de ressalvas e indagações nesse ambiente. Segundo Silva (2013, p. 63):

O uso da internet na escola é exigência da cibercultura, isto é, do novo ambiente comunicacional-cultural que surge com a interconexão mundial de computadores em forte expansão no início do século XXI. Novo espaço de sociabilidade, de organização, de informação, de conhecimento e de educação.

Nesse sentido, a internet seria um aparato de mera importância no processo educacional, porém na escola parceira do subprojeto. A escola Crispim Coelho, não dispõe atualmente desse recurso e coube aos bolsistas ministrar as aulas através de outras possibilidades.

Diante desse contexto, vale salientar que a Internet surgiu na década de 1960 no período da Guerra Fria, com o Departamento de Defesa dos Estados Unidos (USA), que desenvolveu a Advanced Research Projects Agency (ARPA), e tinha o intuito de

⁶Writing: Capacidade do aluno registrar pôr escrito as informações trabalhadas.

⁷ QUIZ: Testar ou Questionar. Ferramenta de perguntas e respostas utilizado na construção de conhecimentos e como método avaliativo escolar.

⁸ A Internet é um grande conjunto de redes de computadores interligadas pelo mundo inteiro, um mecanismo responsável pela disseminação da informação e divulgação mundial, colaborando integrando pessoas e seus computadores, independentemente de suas localizações geográficas.

desenvolver projetos para garantir a segurança do país em caso de acidentes nas comunicações, evitando que se perdessem os dados e informações, caso houvesse ataques de guerra.

Posterior a isso, não apenas por finalidade militar, começou-se a ser utilizada para outros fins. Houve o surgimento de navegadores como Internet Explorer e Mozilla Firefox⁹, e subsequente a isso a partir dos anos 2000, surge o que Daquino (2012) destaca como Era de comunicação e entretenimento, pois, foi nesse período que foram criados, por exemplo, o Orkut e o Facebook que se tornaram algumas das redes sociais mais populares do mundo e que vem sendo atualizadas até hoje.

Embora todos esses fatores sejam reconhecidos, e diante das muitas possibilidades e facilidades que a Internet pode promover durante a ministração de uma aula, o professor precisa estar preparado para recorrer a outros subsídios, exercendo uma flexibilidade e capacidade de adaptação nesse processo, como argumenta Holden (2009) Trabalhar com Tecnologias nos dias atuais requer muitas vezes de improviso e reparo e caso haja alguma falha técnica ao que foi planejado, sempre haverá formas alternativas para se trabalhar.

Desta maneira, no uso das atividades que possibilitaram a docência pelos bolsistas não foi possível a utilização da Internet, mas foram empregadas outras ferramentas, a exemplo do Quiz. Diante disso, Araújo (2011) destaca que o Quiz é uma atividade que pode ser utilizada no espaço escolar, através das ferramentas tecnológicas e contribui de maneira eficaz na aprendizagem dos alunos atuando como excelente recurso pedagógico, poisativa a participação dos alunos e contribui na construção do conhecimento, possibilitando a utilização dos recursos tecnológicos.

A metodologia escolhida foi pelo fato de os Quizzes eletrônicos, ou seja, os jogos didáticos no ensino de Língua inglesa terem ocupado um espaço considerável no ensino, uma vez que os alunos apreciam essa forma de aprendizagem, participam ativamente, melhora a capacidade de raciocínio, a curiosidade, criatividade, exercita a memória e auxiliam na transposição dos conteúdos para o mundo do educando. Ao destacar a importância do uso do lúdico em sala de aula, Rau (2011, p. 37) afirma:

⁹ Provedores de acesso, Portais de serviços online.

O lúdico é um instrumento de desenvolvimento da linguagem e do imaginário, vinculado aos tempos atuais como meio de expressão de qualidades espontâneas ou naturais do indivíduo, o momento adequado para observar o que ele expressa através de sua natureza psicológica e inclinações.

Para Kishimoto (2008), o jogo para ser utilizado como recurso pedagógico, precisa ser contextualizado significativamente por meio da utilização de materiais concretos e da atenção à sua historicidade. Santos (1997) ainda ressalta que o ato de antecipar, preparar e confeccionar o jogo antes da aula amplia a capacidade de atingir outros objetivos como o desenvolvimento de habilidades e potencialidades.

Tais abordagens evidenciam o professor como mediador nesse processo do ensino-aprendizagem, uma maneira significativa e positiva de estimular o desejo de vencer, pois as competições e desafios mechem com os impulsos do indivíduo, como afirma Silveira (1998, p.02):

[...] os jogos podem ser empregados em uma variedade de propósitos dentro do contexto de aprendizado. Um dos usos básicos e muito importantes é a possibilidade de construir-se a autoconfiança. Outro é o incremento da motivação, [...] um método eficaz que possibilita uma prática significativa daquilo que está sendo aprendido. Até mesmo o mais simplório dos jogos pode ser empregado para proporcionar informações factuais e praticar habilidades, conferindo destreza e competência.

Tal aprendizagem gera um envolvimento tanto do professor quanto do aluno. Essa visão também propicia uma aquisição do conhecimento diferente das exigências do currículo escolar em que o professor se vê obrigado a cumprir. Nesta perspectiva, o PIBID acrescenta as aulas de Língua Inglesa novas ferramentas de ensino, diversificando suas docências e assim tornando-as mais interessantes e atraentes para os alunos.

Após algumas discussões sobre o uso das novas tecnologias em sala de aula, levantou-se outra questão: o uso do aparelho celular, argumentado pela maioria professores das escolas de rede pública de que este tira a concentração dos alunos, causa conversas paralelas, pois, estão com o aparelho fazendo/ atendendo ligações, enviando/

recebendo mensagens ou sendo utilizado para jogos. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação para o Ensino Médio:

Concretamente, o projeto político-pedagógico das unidades escolares que ofertam o Ensino Médio deve considerar: VIII –utilização de diferentes mídias como processo de dinamização dos ambientes de aprendizagem e construção de novos saberes (Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio 4/5/2011 - Projetos Políticos Pedagógicos/Cap. VIII).

Levando em consideração essa citação apontada pelas Diretrizes Curriculares, os bolsistas sentiram a necessidade de modificar o uso das tecnologias em sala de aula, utilizando o celular como ferramenta pedagógica trabalhando na construção de novos saberes. Leopoldo, (2004, p.13) destaca que: “As novas tecnologias surgem com a necessidade de especializações dos saberes, um novo modelo surge na educação, com ela pode-se desenvolver um conjunto de atividades com interesse didático-pedagógico”. ou seja, o professor pode aproveitar e se adequar a esse novo contexto.

Diante dessas observações, é perceptível que o aparelho celular não é mais utilizado apenas para meras ligações; esses aparatos são atualizados todos os dias e os alunos sejam de escolas públicas ou privadas os estão possuindo, pois até mesmo seus arquivos digitais não estão mais no velho computador de casa, mas diante de suas mãos. Por isso cabe ao professor capacitar-se diante dessa nova era passando a analisar com cautela os aparelhos levados para sala e a metodologia ao qual será aplicada no uso dos mesmos. Nesse sentido Demo (2008) defende que as mudanças no âmbito escolar parte do professor; ele, como figura fundamental, é a tecnologia das tecnologias e, portanto, deve se portar como tal. Nesta perspectiva Antonio (2010) explana que:

Aparelhos celulares são centrais de multimídias computadorizadas, que diante dele se pode telefonar, ouvir rádio mp3, assistir Tv, gravar filmes, gravar áudios, mandar ou receber e-mails ou arquivos, acessar a internet, dentre muitas funções, muitas vezes acima da precisão do usuário.

Nesse sentido, o professor poderá adequar os aparelhos celulares em suas aulas, aproximando o aluno do cotidiano em que ele está inserido, construindo uma dinâmica interativa, evitando o distanciamento nos processos do aprender e ensinar como também minimizar tais argumentos de que não se pode, ou não deve usá-lo na ministração das aulas pois não acarretará uma aprendizagem significativa.

Muitas vezes, o baixo desempenho em uma disciplina não se origina apenas pela falta de interesse dos alunos. Diversos fatores podem acarretar na improdutividade escolar, entre eles, emocional, psicológico, físico e social. Por esse motivo é de grande importância trabalhar de maneira que se utilize de materiais práticos, concretos e atrativos, a exemplo: o aparelho celular. Diante dessa problemática, o subprojeto Língua Inglesa, com essa docência, visou amenizar alguns dos problemas educacionais enfrentados pelas escolas e estabelecer uma relação de comprometimento do futuro professor de línguas na pesquisa e na aplicação de metodologias inovadoras para a solução dos problemas de sua realidade escolar.

Diante disso, foi possível recolher alguns resultados durante o percurso da ministração. É fato e notório observar em sala de aula que alguns alunos estão ali apenas para cumprir um requisito, que é possuir o ensino médio; outros por conta do poder político que exige do aluno tal formação, porém no momento dessa docência, os alunos demonstraram interesse, participaram ativamente se sentindo mais a vontade para pronunciar, ler, questionar e até mesmo traduzir algumas palavras, houve entusiasmo, conquista, aprendizado, confiança e superação.

Todavia, com esta atividade, o Pibid Língua Inglesa também pôde constatar que os aparelhos celulares podem vir a auxiliar na aprendizagem educativa aperfeiçoando o aprendizado, como também salientar ao professor que esta atitude pode vir a superar uma distanciação entre a escola e a vida pessoal dos estudantes. Para tal afirmação o pedagogo Eugênio Cunha¹⁰ explana que: “O professor deve ocupar o aparelho propondo atividades e fazendo com que os estudantes saibam que em outros momentos o aparelho precisará ser guardado”, ou seja, ensinar aos alunos o momento de usá-los como

¹⁰ Eugênio Cunha, Psicopedagogo e professor da Faculdade cinecista de Itaboraí e da Universidade Federal Fluminense/ RJ.

também o momento de parar. Para Vasconcellos (2001, p. 56), o professor deve atender as peculiaridades de cada indivíduo, ao afirmar que:

No trabalho escolar é importante que o professor seja capaz de envolver os alunos em um leque de situações didáticas adequadas, isto é, situações que se colocam como problema e que, de algum modo, desafiam seus saberes anteriores, conduzindo a reflexão sobre novos significados e novos domínios de uso desses saberes.

Nesse sentido, a aprendizagem dos alunos é um processo que está em constante construção, e se faz necessário acessar a informação de formas diferentes, propiciando maneiras diversificadas de trabalhar o mesmo conteúdo com cada aluno, facilitando a interação, o que pela falta de recursos e as dificuldades de trabalho encontradas se torna difícil para o professor, mas que com o auxílio dos bolsistas tem se tornado mais fácil e prazeroso para todos.

Assim, a partir destas considerações, as dificuldades vão sendo superadas. A atuação do subprojeto Pibid-Língua Inglesa vem contribuindo de forma ampla e significativa no ambiente escolar, no desenvolvimento do graduando no que se refere à prática docente, pois as experiências têm proporcionado um maior conhecimento no anseio de assumir uma sala de aula para a formação acadêmica, um auxílio na construção da identidade dos bolsistas, como aponta Nóvoa (1995, p. 25): “Estar em formação implica em investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e sobre os projetos próprios, com vistas à construção de uma identidade, que é também, uma identidade profissional.” Quanto a formação acadêmica, Nóvoa (1995, p. 33) ainda ressalta que:

[...] não é possível separar as dimensões pessoais e profissionais; a forma como cada um vive a profissão de professor é tão mais importante do que as técnicas que aplica ou os conhecimentos que transmite; os professores constroem a sua identidade por referência a saberes (práticos e teóricos), mas também por adesão a um conjunto de valores.

No momento em que o graduando/bolsista é inserido no ambiente escolar aprende também a refletir sobre o que fazer: ser cidadão crítico através de uma abordagem contextualizada e referenciada capaz de se modificar diante das

dificuldades, refletir de forma mais coesa, deixando-se aberto para os novos conhecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência PIBID- LÍNGUA INGLESA tem proporcionado aos seus bolsistas uma importante compreensão entre teoria e prática. A partir disso, a vivência com o ambiente escolar a torna responsável, em parte, também pela formação acadêmica desse bolsista. A interação entre esses dois cenários colaboram de forma positiva nessa aprendizagem, de modo que, aprimora sua qualidade profissional, dando significados as suas atividades pedagógicas e sua inserção social.

O Subprojeto de Língua Inglesa busca agregar uma integração do ensino com a pesquisa e a extensão na formação inicial dos futuros professores, valorizando o espaço da escola pública como campo de experiência para a construção do conhecimento da docência para a educação básica, com vistas a contribuir para a solução dos problemas com a aprendizagem de línguas enfrentada nas unidades escolares.

A metodologia utilizada com os recursos tecnológicos proporcionou uma atração ao conteúdo, uma motivação advinda de poder utilizar o seu aparelho celular como ferramenta pedagógica, realçando a criatividade dos educandos, além de permitir a dinamização dos conteúdos com a disciplina lecionada. A dinâmica do *Quis* permitiu grande interação entre os alunos que participaram entusiasmados. Em grupos eles se ajudaram bastante durante a resolução das atividades; a cada questão acertada eles vibravam e comemoravam as conquistas.

Considerando o ensino e aprendizagem de língua inglesa das escolas, é perceptível a necessidade de repensar a formação de línguas inicial e continuada dos professores e o papel da pesquisa em sua formação, bem como os fatores que dificultam uma educação de qualidade. Os objetivos do subprojeto PIBID, visam amenizar os problemas educacionais enfrentados pelas escolas e estabelecer uma relação de comprometimento do futuro professor na pesquisa e na aplicação de metodologias inovadoras para a solução dos problemas de sua realidade escolar.

O ensino de línguas precisa ser entendido como parte da cultura social e da construção humana, uma vez que a evolução tecnológica caminha lado a lado com o

desenvolvimento humano. Dessa forma, a prática pedagógica precisa discutir a partir de uma metodologia de ensino motivadora, a importância do ensino de língua inglesa para sua vida educacional e social.

Com essas considerações, pode-se concluir que a vivência do PIBID é desafiadora, contundente e, sobretudo, criativa. O programa permite aos participantes relacionar seus sonhos e possibilidades com o investimento intencional e investigativo em sua iniciação a docência. Trata-se de uma oportunidade de crescimento multilateral e profundo em expressiva convergência às demandas da sociedade contemporânea, marcada por complexidade e rupturas.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. Integração de Tecnologias à Educação: Novas formas de expressão do pensamento, produção escrita e leitura. In: **Formação de educadores a distância e integração de mídias** / José Armando Valente, Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida (orgs). São Paulo: Avercamp, 2007.

ALONSO, Myrtes. Formar Professores para uma nova escola, In: **O Trabalho Docente: Teoria e prática** / Ana Gracinda Queluz (orientação); Myrtes Alonso (organização). – São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003. 2. ed. de 1999.

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes. **Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas**. Campinas. Pontes, 1993

AURELIO, **o mini dicionário de língua portuguesa**, 4ª edição revista e ampliada do dicionário Aurélio. 7ª impressão - Rio de Janeiro, 2002.

ALTOÉ, Anair; SILVA, Helianada. O Desenvolvimento Histórico das NovasTecnologias e seu Emprego na Educação. In: ALTOÉ, Anair; COSTA, Maria LuizaFurlan; TERUYA, Teresa Kazuko. **Educação e Novas Tecnologias**. Maringá: Eduem, 2005, p 13-25.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, Relatório de Gestão 2009-2011 produzido pela Secretaria deEducação Básica da CAPES e publicado em janeiro de 2012. Disponível em<http://www.capes.gov.br/>. Acesso em 09 de Agosto de 2017.

_____, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, DIRETORIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA PRESENCIAL, Decreto N. 7.219/10, CAPES, publicado em 24 de junho de 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7219.htm. Acesso em: 24 de agosto de 2017.

_____, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, DIRETORIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA PRESENCIAL, Edital 61/2013 CAPES/DEB, criação do Subprojeto PIBID – Letras – Inglês do CFP-UFCG, publicado em 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/34098872/MINISTÉRIO_DA_EDUCAÇÃO_COORDENAÇÃO_DE_APERFEIÇOAMENTO_DE_PESSOAL_DE_NÍVEL_SUPERIOR_DIRETORIA_DE_EDUCAÇÃO_BÁSICA_PRESENCIAL_DEB. Acesso em: 24 de agosto de 2017.

_____, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DO ENSINO SUPERIOR, Portaria 46/2016, Regulamento do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, publicado em 11 de abril de 2016. Disponível em:

<https://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/15042016-Portaria-46-Regulamento-PIBID-completa.pdf>. Acesso em: 24 de agosto de 2017.

CANAN, S. R. **PIBID: promoção e valorização da formação docente no âmbito da Política Nacional de Formação de Professores**. Form. Doc., Belo Horizonte, v. 04, n.06, p. 24-43, 2012.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

CLOT, Y. **Uma psicologia histórico-cultural para a compreensão das práticas educativas**. Comunicação Oral. PUCSP. 2004.

COX, KeniaKodel. **Informática na educação escolar**. 2.ed. São Paulo: Autores Associados, 2008.

DEMO, Pedro. Pedro Demo aborda os desafios da linguagem no século XXI. In: **Tecnologias na educação: ensinando e aprendendo com as TIC**. Guia do cursista/ Maria UmbelinaCaiafa Salgado, Ana Lúcia Amaral – Brasília; Ministério da Educação, Secretária de Educação a distância; 2008

FAVA, Rui. **O Ensino na sociedade digital**. Disponível em <http://semesp.org.br/portal/index.php>. Acesso em: 18 de junho de 2017

HOLDEN, Susan. **O ensino da língua inglesa nos dias atuais** / Susan Holden. - São Paulo: Special Book Services Livraria, 2009. 180p.

IMBERNÓN, F. **Formação Docente e Profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez, 2002.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação**. Campinas: Papirus, 2007.

KISHIMOTO, T. M. (Org). **Jogo e Briqueado, brincadeira e a educação**. 11.ed. São Paulo: Cortez, 2008

LEFFA, Vilson J. **Metodologia do ensino de línguas**. In BOHN, H. I.; VANDRESEN, Tópicos em lingüística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988.

LEOPOLDO, Luís Paulo- **Novas Tecnologias na Educação: Reflexões sobre a prática. Formação docente e novas tecnologias**. LEOPOLDO, Luís PauloMercado(org.).- Maceió: Edufal, 2002. Cap. 1 Leopoldo, Luís Paulo/ Formação docente e novas tecnologias. 2002.

LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário** Luft. 20.ed. São Paulo: Ática, 2001.

MELO, E. S. N. **A prática pedagógica: tecituras e reflexões a partir das experiências no pibid**– PEDAGOGIA/UFRN. XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas – 2012

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa, A formação de professores e o aluno das camadas populares: subsídios para debate in: **formação de professores: pensar e fazer** / Célia Linhares ... [et al.]; Nida Alves (organizadora). 3 ed. – São Paulo : Cortez, 1995. – (Questões danossa época ; 1)

NÓVOA, A. **Os professores e sua Formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

Parâmetros Curriculares Nacionais– Língua Inglesa- Ensino Médio. Brasília,DF: Secretaria de Educação Fundamental/ MEC, 1998.

PEREIRA, Ariovaldo Lopes. Representações de gênero em livros didáticos de língua estrangeira: Discursos Gendrados e suas implicações para o ensino, In:**Materiais didáticos para o ensino de língua estrangeira**: processos de criação e contextos de uso / Ariovaldo Lopes Pereira, Liliana Gottheim (Orgs.) .- Campinas, SP : Mercado de Letras , 2013 . 242p. : il.

RAU, Maria Cristina Trois Dorneles. **A ludicidade na educação: uma atitude pedagógica** /Maria Cristina Trois Dorneles Rau – 2.ed.rev., atual e ampl. – Curitiba: Ipbex, 2011. – (Série Dimensões da Educação).

RIPPER, Vianna Afira. **O preparo do professor para as novas tecnologias**. In OLIVEIRA, Vera Barros de. Informática em psicopedagogia. 2º Ed. São Paulo: editora SENAC. 1999.

SABINO, Fernando. **Estágio e construção da identidade profissional docente** in: Estágio e docência / Selma Garrido Pimenta, Maria do Socorro Lucena Lima; revisão técnica José CerchiFusari, - 7. Ed. – São Paulo: Cortez, 2012. – (Coleção docência em formação. – Série saberes pedagógicos)

SAMPAIO, Mariza Narcizo. **Alfabetização Tecnológica do Professor** / Mariza NarcisoSampaio, Lígia Silva Leite. 9. Ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2011.

SANTOS, S.M.P. Dos (Org). **O lúdico na formação do educador**. Petrópolis: Vozes, 1997

SILVEIRA, R. S; BARONE, D. A. C. **Jogos Educativos computadorizados utilizando a abordagem de algoritmos genéticos**. Universidade Federal do Rio

Grande do Sul. Instituto de Informática. Curso de Pós-Graduação em Ciências da Computação. 1998.

SOUZA, Jésus Barbosa de, CAMPEDELLI, Samira Y. **Minigramática**. 2.ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

SCHON, DONALD A. **Educando o profissional Reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

TRAVERSINI. Clarice Salete; RODRIGUES. Maria Bernadette Castro e FREITAS. JULIANA, **O Desafio de exercer a docência e constituir-se como aluno no projeto da docência compartilhada**. Porto Alegre : UFRGS, 2010.

VALENTE, J.A. **Informática na educação: instrucionismo x construcionismo**. Manuscrito não publicado, NIED: UNICAMP, 1997.

VASCONCELOS, Geni Amélia Nader (org). **Como me fiz professora**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

VASCONCELLOS, Celso S. **Para onde vai o professor? Resgate do professor como sujeito de transformação**. 8. ed. São Paulo: Libertad, 2001.

VYGOTSKY, Lev Semenovith. **Pensamento e Linguagem: Tradução Jefferson Luiz Camargo; revisão técnica José Cipolla Neto**. 2a ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1998.

WEB REFERÊNCIAS:

ANTONIO, José Carlos. Uso pedagógico do telefone móvel (celular), Professor digital, SOB, 13 de Janeiro 2010. Disponível em: <<https://professordigital.wordpress.com/2010/01/013/uso-pedagogico-do-telefone-movel-celular/>>. Acesso em 16 de agosto de 2017.

ARAÚJO, G. H. M.; SILVA, A. S. C.; CARVALHO, L. A. S.; SILVA, J. C.; RODRIGUES, W. M. S.; OLIVEIRA, G. F. **O quiz como recurso didático no processo ensino-aprendizagem em genética**. In: 63ª Reunião Anual da SBPC, nº 2176-1221, 2011. Anais da 63ª Reunião Anual da SBPC. Goiânia, 2011. Disponível em: <http://www.sbpnet.org.br/livro/63ra/resumos/resumos/5166.htm> Acesso em: 15 de agosto de 2017.

BRASIL. **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior**. <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid>. Acesso em 21 de agosto de 2017.

CAPES, **Formação de professores da educação básica**. Disponível em <http://www.capes.gov.br/> Acesso em 09 de Agosto de 2017.

CUNHA, Eugênio. **Celular em sala de aula, proibir ou usar como ferramenta?** Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/educacao/celular-em-sala-de-aulaproibir-ou-usarcoferramenta,605bd3f1c2323556dae7c08d601e13dfr8yfRCRD.html> Acesso em 21 de agosto de 2017.

DAQUINO, F. **A história das redes sociais: como tudo começou**. 2012. Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/33036-a-historia-dasredes-sociaicomotudo-comecou.htm#ixzz2P1wwyNRO>> Acesso em: 15 de agosto de 2017.

SILVA, M. **Internet na escola e inclusão. Tecnologias na escola** – Ministério da Educação. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/2sf.pdf>> Acesso em: 15 de Agosto de 2017.

ANEXOS:



Docência compartilhada Pibid- Língua Inglesa Agosto 2017 Fonte: Arquivo Pessoal



Docência compartilhada Pibid- Língua Inglesa Agosto 2017 Fonte: Arquivo Pessoal



Docência compartilhada Pibid- Língua Inglesa Agosto 2017 Fonte: Arquivo Pessoal



Docência compartilhada Pibid- Língua Inglesa Agosto 2017 Fonte: Arquivo Pessoal



Docência compartilhada Pibid- Língua Inglesa Agosto 2017 Fonte: Arquivo Pessoal



Docência compartilhada Pibid- Língua Inglesa Agosto 2017 Fonte: Arquivo Pessoal